

ENFOQUE JORNALÍSTICO DA VIOLÊNCIA

Profa. LEANGE SEVERO ALVES*

Doação à Biblioteca da UFPR, deixada
pela professora do Departamento de
Educação, Dra. Vani Ruiz Viessi. 1987

RESUMO

Enfoque jornalístico da violência, visando à identificação da taxa dessa violência nos jornais de informação geral, através dos ângulos da conotação das mensagens, seu conteúdo, forma, motivação e modelo de criminalidade. Foram analisadas as notícias publicadas durante uma semana nos dois principais jornais do Estado, Folha de Londrina e O Estado do Paraná, constatando-se a predominância da violência física sobre a moral (82%) e que o modelo latino-americano de criminalidade foi o mais representativo, havendo perfeita identidade entre esse modelo e as matérias publicadas.

INTRODUÇÃO

A imprensa, nos dias atuais, tem sido considerada como um dos elementos geradores de tensão que, pela necessidade de descarga, manifesta-se através da violência. Desta forma, muitos dos crimes que hoje ocorrem, muitos distúrbios da paz pública, muitos conflitos coletivos poderiam ter sua base em problemas diversos, mas motivados pelo jornal, tanto como modelo, como por despertar instintos até então adormecidos.

A afirmativa de que a violência publicada nos jornais era geradora de mais violência parece-nos bastante grave e preocupadora, além de por demais simplificada, deixando aos meios de comunicação de massa a responsabilidade pelo aumento da criminalidade. Daí o interesse em verificar se de fato, ou em que proporção, essas noções eram verdadeiras.

As perguntas começaram a surgir. Seriam realmente os meios de comunicação os responsáveis em larga margem, pelo clima de violência em que está mergulhado o mundo contemporâneo? Ou mostrariam eles simplesmente o mundo como ele realmente é, fazendo meros registros da violência que caracteriza a sociedade atual? A população mundial viveria mais tranqüila caso não fossem veiculadas notícias de conflitos e de fatos inquietantes? E seria real este estado de coisas? O que seria melhor para uma so-

cidade - saber o que está acontecendo, embora com isso vivesse em maior estado de tensão, ou simplesmente ignorar o que acontece no mundo? Nesse caso, estaria o jornal correspondendo às necessidades de seu público, ou a aparente passividade não seria mais que uma farsa? Quais seriam as causas reais desta violência que aparece nas páginas do jornal? Estariam elas, unicamente ou preferencialmente na dependência da veiculação nos jornais ou estariam ligadas, entre outras causas, ao sistema sócio-econômico, à quebra do equilíbrio ecológico, à inversão de valores, à exploração demográfica, à fome, à miséria, ao desenvolvimento descontrolado e desenfreado e ao sistema educacional falho?

Não entraremos, no presente trabalho, em questões mais aprofundadas sobre qual seria a influência da notícia impressa para o criminosos, a vítima ou seus familiares. Não entraremos também no mérito das técnicas de redação, nem da disposição gráfica das matérias, embora saibamos que todos esses aspectos tenham importância, em se tratando da publicação de mensagens de violência. Procuramos, isto sim, identificar a violência no seu conteúdo, forma, e motivação, procurando também mensurá-la, a fim de chegar a uma noção do espaço ocupado por cada tipo de violência.

O estudo da violência será feito através da análise dos jornais: *Folha de Londrina* e *O Estado do Paraná*, nos quais as

notícias serão avaliadas dentro de um quadro de referências, a fim de determinar qual a carga de elementos passíveis de gerar tensão e violência no indivíduo. Não levamos, em consideração, aqui, a distinção de jornais populares e jornais de elite^(*) como os classifica DINES⁽²¹⁾, porque em termos de Paraná, julgamos que somente estes dois jornais são relevantes a ponto de serem estudados e considerados representativos das aspirações e manifestações do povo paranaense, tanto do norte como do sul do Estado.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

KIERSZENSON⁽²⁷⁾ diz que “a criminalidade preocupa a toda a comunidade já que constitui um fenômeno desagregador da vida social”. Em vista disso, há tentativas de se determinar as suas causas para que sejam eliminados os efeitos. Para tanto, são veiculadas campanhas nos meios de comunicação, realizados seminários e congressos, desenvolvidas atividades isoladas, sem contudo se chegar a um resultado positivo.

KLAPPER⁽²⁸⁾ acredita que o crescente volume da violência pode indicar uma tendência de conteúdo, mas não que determinados efeitos tenham mais ou menos probabilidade de acontecerem, e supõe que os dados existentes são ocasionalmente incorretos, ligeiramente históricos e de significação não definida.

*Professora de Jornalismo Impresso, do Centro de Educação, Comunicação e Artes. Especialista em Criminologia. Universidade Estadual de Londrina, Paraná.

(*) Jornais populares são os que circulam nas faixas socialmente inferiores da população e utilizam recursos motivacionais para ganhar os leitores. Jornais de elite são os endereçados a faixas superiores e intermediárias da população e apresentam sobriedade na apresentação da mensagem.

Existem, portanto, várias correntes de opiniões. Na corrente que põe reservas à suposta ligação da violência nos meios de comunicação de massa e a criminalidade, podemos distinguir toda uma gama de opiniões. Algumas expressam diretamente o sentir do pessoal que trabalha nos meios de comunicação, outras manifestam o pensamento de cientistas que muito seriamente se têm dedicado à reflexão e busca de evidências desse fato. Uma destas formas é a que sustenta que a violência tem havido desde o início dos tempos e que eles só a refletem, como espelho da realidade social.

Sobre o impacto, PORTÃO⁽⁴²⁾ expressa-se da seguinte maneira: "a repercussão do fato se faz sentir de acordo com a natureza do seu conteúdo, provocando outros acontecimentos semelhantes e coerentes com a mesma filosofia da manifestação. Nada prova que os meios de comunicação sejam necessariamente fator de aumento do grau de violência. Para isso é preciso que a informação ganhe uma intensidade que fira a sensibilidade do leitor - o impacto".

Segundo DINES⁽²¹⁾ todo o processo de comunicação é sensacionalista, pois mexe com sensações, tanto físicas quanto psíquicas e somente o que é inédito, importante, enfim, sensacional, faz parte das mensagens divulgadas pelos jornais. De acordo com esse seu pensamento, prefere chamar imprensa popular em vez de imprensa sensacionalista, conceituando-a como segmento popular da nossa imprensa ou o seu momento social menos evoluído. É apenas uma decorrência de um momento cultural e à medida que os contatos da sociedade com a cultura tornam-se mais frequentes, a sensação obviamente vai diminuindo de intensidade até atingir níveis aceitáveis e vão aumentando automaticamente os apelos de conteúdo.

DINES divide, pois, sensacionalismo em três grupos: gráfico, lingüístico e temático, buscando sensações fortes sejam visuais, semânticas ou ideológicas.

Os três aspectos interferem no impacto causado pelo fato em uma sociedade. O sensacionalismo gráfico apresenta uma dessincronia entre a importância do fato e a ênfase visual. Isso porque apresenta uma programação visual desproporcional, embora de fácil leitura, não apresentando aquela articulação

texto-imagem tão necessária em jornalismo.

O sensacionalismo lingüístico consiste em usar melhor as palavras certas, as quais provocam sensações e, em vista disso, o estilo dos jornais de elite é pobre, analítico e desgastado, enquanto o da imprensa popular é sintético, vivo e rico.

D. PAULO EVARISTO ARNS⁽¹⁾, referindo-se também a sensacionalismo, distingue o sensacionalismo positivo, o que aborda os temas que são sensacionais mas que talvez levem a sociedade a um progresso bem grande, e sensacionalismo negativo, o do crime, do erotismo, do noticiário dramatizado de forma a causar no povo o impacto que leva à imitação.

KENWORTHY⁽²⁵⁾, quanto a este último aspecto, sublinha que o jornalismo sensacionalista é prejudicial, principalmente para o menor infrator, alguém com certa deficiência mental, social e educativa, podendo ser facilmente influenciável. Assim, se estiver numa situação idêntica, vai agir exatamente de acordo com o que leu no jornal.

Diz ainda que o jornal marca uma pessoa, impedindo-a muitas vezes, de se regenerar. Esta conceituação embora tenha sido pronunciada somente em relação aos jornais sensacionalista, geralmente aparece também em relação às notícias policiais dos jornais de informação geral, mas não existe nenhum trabalho que dimensione, com exatidão, qual a relação causal aí existente.

O sociólogo Pasqualli, citado por KIERSZENSON⁽²⁷⁾ assinala a possibilidade de demonstrar que os meios de comunicação tenham um papel diretamente motivador nos atos anti-sociais. Afirma que ainda crê que as mensagens produzem condicionamento ideológico coletivo a longo prazo, seus fatores agentes são os que constituem feitos significativos primários e superestruturais, mas o "latente" que eles envolvem, e que é o autêntico sedimento presente no espírito coletivo de uma sociedade. Assim, qual seja este sedimento, recai como uma inquietude no sentido de que talvez mais do que um estudo primário - a violência - precise de uma análise mais profunda da mensagem.

MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho pretende deter-

minar a taxa de violência a que está submetido o leitor paranaense, através da leitura de seus dois maiores jornais — Folha de Londrina e o Estado do Paraná. Este estudo deverá também determinar a percentagem de violência em cada um dos jornais e verificar em que medida ela se aproxima ou se distancia. Para tanto, tomamos como base o trabalho "A violência no Jornalismo Brasileiros", de José Marques de Melo⁽³⁴⁾.

Impossibilitados de pesquisar toda a imprensa do Paraná, por questões metodológicas e econômicas, restringimos o trabalho de pesquisa a somente dois jornais por serem os únicos com circulação estadual, eliminando todos os outros que são impressos, na capital ou em pequenas cidades do interior.

A amostra para a coleta de dados são exemplares de uma semana de publicação, iniciando numa terça-feira, acabando no domingo. A necessidade de não incluir uma outra variável na pesquisa fez com que o autor realizasse, ele próprio, todo o trabalho, evitando, assim, os desvios derivados da atuação de equipes de pesquisa.

O método utilizado foi o comparativo (*), tomando-se como instrumento de medida, a unidade noticiosa. Este instrumento foi escolhido levando-se em conta a necessidade de mensuração da violência, embora o aspecto quantitativo não seja o único a merecer considerações. Da unidade noticiosa fazem parte título, texto e ilustração como um só elemento, pois o que nos interessa, no momento, é a mensagem em si. O mais importante, portanto, é a análise de conteúdo, tratando das conotações latentes da notícias⁽²⁶⁾. Os aspectos que serão estudados dentro dessa análise de conteúdo constam dos instrumentos de coleta de dados.

A inexistência de um órgão que coordene e agregue todos os jornais do Estado torna difícil a escolha da amostra a ser estudada. Quais os títulos a serem pesquisados? Quantos jornais seria preciso? Quantos exemplares de cada título?

Sobraram, depois de uma demorada análise, apenas dois jornais: a Folha de Londrina e O Estado do Paraná. Estes, quer pela tiragem, quer pelos locais de difusão, são os que têm penetração significativa na população do Paraná — a Folha de Londrina em todo o norte

(*) O método comparativo envolve a comparação de determinados aspectos em jornais ou revistas, através da quantificação dos elementos que se pretende comparar.

do Estado e O Estado do Paraná, por sua vez, atingindo maciçamente o Sul. Inicialmente pareceria pouco, apenas dois títulos, mas são realmente os que representam o espírito e as aspirações do povo paranaense.

Depois de determinados os jornais a serem comparados, procurou-se levantar o número de exemplares que facultasse chegar aos objetivos previstos, com condição de exequidade. Assim, optamos por uma semana de jornais, isto é, de terça-feira a domingo.

O início na terça-feira deu-se pela necessidade de não interrupção, pois na segunda-feira nenhum dos dois jornais circula. Desta forma, os exemplares analisados foram os dos dias 25 a 30 de setembro de 1979. Nestes dois jornais foram comparados somente o primeiro caderno porque este é que apresenta a maior parte de notícias de interesse, ficando os outros mais para variedade e publicidade.

Para a coleta de dados foi usado um formulário, preenchido diariamente com todas as matérias jornalísticas consideradas comunicação de atualidades (*) veiculadas em cada um dos dois jornais estudados. O roteiro de análise foi o seguinte:

- Angulação das matérias jornalísticas
 - Informativa
 - Interpretativa
 - Opinativa
- Conotação das mensagens
 - Mensagem violenta
 - Mensagem não-violenta
- Conteúdo das mensagens de violência
 - Violência pessoal
 - Violência social
 - Violência política
- Forma das mensagens de violência
 - Violência física
 - Violência moral
 - Violência econômica
- Motivação da violência
 - Violência normal
 - Defesa própria
 - Vingança
 - Sadismo
 - Violência ideológica
 - Violência passional
 - Defesa da sociedade
 - Violência acidental
 - Violência esportiva
- Modelo de criminalidade
 - Modelo latino-americano
 - Modelo vietnamita

Modelo norte-americano

Em primeiro lugar foram identificadas as matérias quanto à angulação, de acordo com a conceituação de MEDINA⁽³¹⁾. Angulação é, pois, a maneira como o acontecimento ou a idéia, é enfocada. Para tanto, são levados em consideração tanto a formulação quanto o conteúdo. As manifestações de angulação informativa limitam-se à notícia, ou seja, a informação imediata. A angulação interpretativa torna-se evidente nos comentários e nas histórias de interesse humano. O que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo narrativo. A reportagem seria, pois, uma narração noticiosa, onde os fatos são colocados numa perspectiva interpretativa porque seleciona, conjuga, integra situações. É a informação ampliada. Para identificar a angulação opinativa, levamos em conta a opinião expressa encontrada em matérias como editoriais, crônicas, colunas, críticas e artigos assinados por serem, tradicionalmente, os locais dentro de um jornal onde se encontram as idéias, as interpretações e as opiniões do jornal em si, dos redatores e mesmo dos leitores.

A grande dificuldade do presente trabalho consistiu em encontrar um conceito de violência que deixasse evidente as noções "mensagens violentas" e "mensagens não-violentas", a fim de que pudessem mais facilmente serem identificadas dentro do jornal.

Considerando como termo jurídico, a violência apresenta dois aspectos distintos - sentido violência física e sentido de coação moral. A primeira consiste em empregar a força contra

as pessoas e as coisas e a segunda, age sobre a vontade, por meio de ameaças ou por outros procedimentos que façam nascer o temor de graves riscos.

A sociologia, por sua vez, vincula a idéia de violência à idéia de conflito, ou seja, antagonismo entre as pessoas ou entre os grupos sociais.

Optamos pelo conceito usado por MELO⁽³⁴⁾ *, identificando como mensagens de violência, as que salientam fatos ou fenômenos que contrariam a tendência natural das coisas.

Para a identificação de mensagens não-violentas, utilizamos a conceituação das mensagens neutras e eliminamos a classificação de mensagens de não-violência porque no estudo em questão elas não foram relevantes. Assim, como mensagens não-violentas temos aquelas que relatam fatos normais, sem qualquer rompimento do equilíbrio social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados colhidos junto à amostra, de maneira geral, confirmam as hipóteses levantadas neste trabalho, mostrando um quadro das mensagens violentas e não-violentas veiculadas nos dois maiores jornais do Estado do Paraná.

Contrariando o consenso popular de que jornais apresentam uma carga muito elevada de violência, encontramos um total de 25,4% de mensagens violentas contra 74,6% de mensagens não-violentas, ao final da análise de exemplares de duas semanas de publicações. Salientamos que as notícias internacionais, e em segundo lugar, as notícias policiais são as responsáveis pela elevação desta percentagem.

JORNALIS	FL		EP		TOTAL	
	UN	%	UN	%	UN	%
Mensagens violentas	96	19,4	149	31,8	245	25,4
Mensagens não-violentas	398	80,6	319	68,2	717	74,6
TOTAL	494	100,0	468	100,0	962	100,0

(*) As categorias das mensagens difundidas nos meios de comunicação de massa são: comunicação de atualidade (mensagens de jornalismo); comunicação persuasiva (mensagem de propaganda e relações públicas), comunicação diversional (mensagem de lazer) e comunicação educativa (mensagens de educação formal).

Foram analisadas 962 unidades noticiosas, estando de certa forma equilibradas entre a Folha de Londrina (494) e O Estado do Paraná (468). Este dado nos deixa mais à vontade para concluir que O Estado do Paraná apresenta 12,5% a mais de violência sobre a Folha de Londrina, pois mostra 31,8% de suas notícias com carga violenta, enquanto que a Folha apresenta 19,4%, ou seja, ao mesmo tempo que o Estado apresenta 149 unidades noticiosas violentas, a Folha apresenta somente 96.

Quanto às mensagens não-violentas, temos que das 962 unidades noticiosas analisadas, 717 não apresentaram de maneira clara o aspecto violência, ao menos como o fato em si. Em alguns casos, assuntos tidos como violentos são tratados de maneira a solucionar o problema. Neste caso, deixou-se de considerá-lo como violência, embora a simples situação deixe antever um contexto violento.

Algumas notícias fazem alusão a problemas maiores, ou, quem sabe, ao problema que deu origem à notícia em questão e, neste caso, com características de violência. Como nossa proposição inicial era tratar somente as mensagens principais de cada notícia, este aspecto não foi considerado, sendo tratado somente o fato em si, os que se referiam diretamente ao fato delituoso ou violento ou ainda, quando a violência era evocada proposadamente.

A Folha apresentou 398 (80,6%) unidades noticiosas com mensagens não-violenta enquanto o Estado apresentou 319 (68,2%), não chegando a ser uma

diferença muito marcante. Assim, embora não possamos dizer que a quantidade de violência nos dois jornais é equivalente, dizemos que elas se aproximam.

Convém, também, afirmar que as matérias com angulação informativa foram as que mais se salientaram pelas mensagens de violência, vindo em segundo lugar a angulação opinativa, não tendo sido verificada nenhuma angulação interpretativa com mensagens de violência.

Das 245 unidades noticiosas com mensagens violentas, mais da metade corresponde à violência pessoal, ou seja, a violência contra indivíduos isolados. Em termos gerais, a violência social alcança o índice de 22,9%, quase equiparando-se à violência política que foi de 21,2%.

TABELA II – CONTEÚDO DAS MENSAGENS DE VIOLÊNCIA

JORNALIS Conteúdo da Violência	FL		EP		TOTAL	
	UN	%	UN	%	UN	%
Violência pessoal	47	48,9	90	60,4	137	55,9
Violência social	31	32,3	25	16,8	56	22,9
Violência política	18	18,8	34	22,8	52	21,2
TOTAL	96	100,0	149	100,0	245	100,0

TABELA III – FORMA DAS MENSAGENS DE VIOLÊNCIA

JORNALIS Forma de Violência	FL		EP		TOTAL	
	UN	%	UN	%	UN	%
Violência física	67	69,8	134	89,9	201	82,0
Violência moral	8	8,3	5	3,4	13	5,3
Violência econômica	21	21,9	10	6,7	31	12,7
TOTAL	96	100,0	149	100,0	245	100,0

TABELA IV – MOTIVAÇÃO DA VIOLÊNCIA

JORNALIS Motivação da Violência	FL		EP		TOTAL	
	UN	%	UN	%	UN	%
Violência normal	24	25,0	35	23,5	59	24,1
Defesa própria	4	4,2	0	0	4	1,6
Vingança	6	6,2	5	3,3	11	4,5
Sadismo	5	5,2	5	3,3	10	4,1
Violência ideológica	23	24,0	49	32,9	72	29,4
Violência passional	14	14,6	27	18,2	41	16,7
Defesa da sociedade	8	8,3	14	9,4	22	9,0
Violência acidental	8	8,3	14	9,4	22	9,0
Violência esportiva	4	4,2	0	0	4	1,6
TOTAL	96	100,0	149	100,0	245	100,0

Tanto na Folha como em O Estado, a que prevaleceu foi a violência pessoal, mas em relação à violência social, a Folha apresentou praticamente o dobro de O Estado. A ordem decrescente de violência na Folha é a seguinte: violência pessoal, social e política, enquanto que em O Estado, a violência política precede a social, estabelecendo-se a ordem pessoal, política e social.

No trabalho realizado, 82% das mensagens de violência referiam-se à violência física. Nesta categoria estão arroladas as notícias de violência contra a pessoa, os bens externos e a sociedade. A violência moral é a menos significativa atingindo somente 5,3% das mensagens de violência e, entre os dois jornais, a Folha apresenta uma taxa mais alta, com 8,3%, contra os 3,4% de O Estado. A violência econômica também é mais alta na Folha (21,9%) do que em O Estado (6,7%) e, em vista disso, O Estado é que fica com a taxa mais alta em violência física, atingindo praticamente 90% das mensagens violentas.

Quanto à motivação da violência, encontramos em primeiro lugar a violência ideológica, vindo em seguida a violência normal e, em terceiro lugar, a violência passional. Isso justifica, de certa maneira, o que foi dito anteriormente sobre as notícias internacionais como fator de elevação da taxa de violência nas notícias analisadas. Estas matérias tratam principalmente de conflitos e lutas pelo poder político e também movimentos sociais reivindicatórios, sendo, portanto, classificada a motivação como ideológica.

Já em nível bem menor aparecem a defesa da sociedade e a violência accidental, ambas com 9% sobre o total de unidades noticiosas com mensagem violenta. Pouco acima dos 4% estão Vingança e Sadismo como fatores que possam ter gerado a violência. E, ainda, quase sem importância, com apenas 1,6% estão a defesa própria e a violência esportiva. O único elemento que altera esta ordem, em termos de cada um dos jornais, é a violência normal (25%) um pouco acima da violência ideológica (24%) na Folha de Londrina. Todos os outros elementos correspondem à mesma ordem anteriormente citada.

Às vezes foi um pouco difícil identificar a motivação. A isso talvez se deva esta diferença apresentada em relação à Folha, pois os casos em que não foram constatados indícios dos demais tipos de motivação, foram considerados violência normal.

TABELA V – MODELO DE CRIMINALIDADE

JORNAL	FL		EP		TOTAL	
	UN	%	UN	%	UN	%
Modelo latino-americano	53	60,2	88	64,7	141	62,9
Modelo vietnamita	19	21,6	43	31,6	62	27,7
Modelo norte-americano	16	18,2	5	3,7	21	9,4
TOTAL	88	100,0	136	100,0	224	100,0

Em relação ao modelo de criminalidade, constatamos uma perfeita identidade entre o modelo latino-americano com as matérias publicadas. Neste modelo, sobressaem-se os problemas sociais, resultantes de um estado de inadaptação econômica, típico dos países não desenvolvidos. Estão classificados dentro deste modelo, roubos, espancamentos, estupros, assassinatos, entre outros.

Saliente-se que as unidades noticiosas motivadas por algum acidente (violência accidental) deixaram de ser computadas aqui porque os fatos ocorreram involuntariamente, não estando, portanto, classificados como ocorrências criminais.

Este modelo latino-americano é mais amplo, envolvendo maior número de delitos ou faltas, enquanto que os demais são mais específicos. Assim, o modelo vietnamita chegando a 27,7%, retrata os fatos políticos, os processos de guerra revolucionária. A grande maioria das matérias envolvendo este modelo de criminalidade tratam principalmente da instabilidade política na forma de guerras, revoluções, golpes de Estados, terrorismo, guerrilha e os mais diversos tipos de protestos.

O modelo americano, ou seja, adequado aos países em desenvolvimento pós-industrial, é a mais difícil de ser identificada. Talvez seja por isso que sua percentagem, em relação aos outros dois modelos, apresenta-se baixa, não chegando a 10%. A característica principal deste modelo é a criminalidade de “colarinho branco”, desenvolvida no mundo dos negócios, pela violação sistemática das regras sociais e econômicas. Nas matérias estudadas este fator não se achava evidente, não podendo, portanto, ser classificado como tal.

A questão de tóxicos, tão representativa deste terceiro modelo só apareceu em uma matéria: “Drogada matou companheiro” (EP - 29/09/79) como fator

determinante de criminalidade. Apenas uma outra matéria faz menção ao uso de drogas: “Arrastão na Rua das Flores” (EP - 27/09/79), mas simplesmente como portador de maconha, ou seja, uma atuação passiva.

CONCLUSÕES

Dentro dos limites estabelecidos para esta pesquisa, podemos destacar as seguintes conclusões:

- 1) A taxa de violência nos dois maiores jornais do Paraná é de certa forma semelhante, apresentando os dois juntos, uma percentagem de 25%, o que não se pode considerar alta, tendo em vista a sociedade moderna.
- 2) Houve, portanto, a predominância de unidades noticiosas com mensagens não-violentas, isto é, em forma de registros de fatos sem envolvimento com mensagens violentas, ao menos diretamente.
- 3) A angulação informativa foi a que apresentou maior número de unidades noticiosas com mensagem de violência, vindo em segundo lugar a angulação opinativa.
- 4) Quanto ao conteúdo da violência, a pessoal corresponde a mais da metade de toda a violência contida nos jornais.
- 5) A violência física, envolvendo mensagens com relação à pessoa, aos bens externos e à sociedade alcança um índice bastante elevado, chegando a 82% do total das mensagens violentas, contra 18% de violência moral e econômica.
- 6) Constatou-se que a violência ideológica foi a que apresentou maior taxa, vindo em segundo lugar a violência normal e, logo após, a passional.
- 7) Ainda quanto à motivação da violência, a defesa própria e a violência accidental, as quais consideramos como tipo de violência passiva, somadas alcançam cerca de 10% do total. Com

- isso acreditamos que o grande percentual de violência é motivado pela intenção.
- 8) Em todas as unidades noticiosas analisadas, somente duas vezes foi mencionado o uso de tóxicos, e mesmo assim, somente em um caso foi determinante de criminalidade.
- 9) O modelo latino-americano de criminalidade foi o mais representativo, havendo, portanto, perfeita identidade entre este modelo e as matérias publicadas.
- 10) Divulgando fatos, situações ou idéias representativos da atualidade, o jornal dimensiona a violência gerada pela sociedade.

ABSTRACT

This paper focus on journalistic analysis of violence. It is a search for identification of violence rate as published in newspapers through messages, content, format, and motivation, as well as "model of criminality". After analysis of news published during a week in the chief newspapers of Paraná (O Estado do Paraná and Folha de Londrina) it was found that there is a predominance of physical violence over moral one. It was also found that the "Latin-American model of criminality" is more representative, there being a perfect identification between that model and the news printed.

BIBLIOGRAFIA

1. ARNS, P.E. Ética e sensacionalismo. *Comun. Artes*, São Paulo, (4): 1971.
2. ARRABAL, J. TV e criminalidade, TV e violência. *Rev. Pol. Civil*, Curitiba, 3 (1): 120-2. out. 1973.
3. AUGRAS, M. *Opinião pública, teoria e pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1970.
4. AVELAR, J.C. Violência. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 7. jun. 1976. cad. B, p. 10.
5. A VIOLÊNCIA nas ruas. *Correio Braziliense*, Brasília, 13, 28 out. 1978.
6. BAHIA, J. Comunicação e criminalidade. *Rev. Pol. Civil*, Curitiba, 3 (1): 117-9, out. 1973.
7. BELTRÃO, L. *A imprensa informativa*. São Paulo, Folco Masucci, 1969.
8. BELTRÃO, L. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. Rio de Janeiro, Agir, 1960.
9. BELTRÃO, L. *Jornalismo Interpretativo*. Porto Alegre, Sulina, 1976.
10. BOND, F. *Introdução ao jornalismo*. Rio de Janeiro, Agir, 1959.
11. BRAGDKIAN, B.H. *Sociologia da comunicação: máquinas de informar*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1973.
12. BRAJNOVIC, L. *Deontologia periódica*. Pamplona, Universidade de Navarra, 1969.
13. BURNET, M. *Meios de informação e violência*. Lisboa, UNESCO, 1971.
14. CARAM, D. *Violência na sociedade contemporânea*. Petrópolis, Vozes, 1977.
15. CHARNLEY, M. *Periodismo informativo*. Buenos Aires, Troquel, 1976.
16. COHN, G. *Sociologia da comunicação*. São Paulo, Pioneira, 1973.
17. COSTELLA, A. *Direito da comunicação*. São Paulo, Revista Tribunais, 1976.
18. COSTELLA, A. *O controle da informação no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1970.
19. DE FLEUR, M. *Teorias de comunicação de massa*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
20. DINES, A. *O papel do jornal*. Rio de Janeiro, Artenova, 1974.
21. DINES, A. Sensacionalismo na imprensa. *Comun. Artes*, São Paulo, (4): 67-75, 1971.
22. FIDELIS, G. *Crimes de imprensa*. São Paulo, Sugestões Literárias, 1977.
23. FERRI, E. O movimento dos fatos, das idéias e da reação social em criminologia. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CRIMINOLOGIA, Lisboa, 1978.
24. IKER, S. Violência nos meios de comunicação. *Jornal de Brasília*, Brasília, 3 set. 1978. p. 29.
25. KENWORTHY, Z.C. Sensacionalismo e delinquência juvenil. *Comun. Artes*, São Paulo, 4: 97-103, 1971.
26. KIENZT, A. *Comunicação de massa: análise de conteúdo*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.
27. KIERSZENSON, J. Médios de comunicação social y criminalidad. *Bol. Ofic. IMESC*, São Paulo, 4 (6): set/out., 1978.
28. KLAPPER, J.T. *Efectos de las comunicaciones de masas*. Madrid, Aguillar, 1974.
29. LERNER, D. & SCHRAMM, W. *Comunicação e mudança nos países em desenvolvimento*. São Paulo, Melhoramentos, 1973.
30. MEDINA, C. & LEANDRO, P.R. *A arte de tecer o presente*. São Paulo, Grifos, USP, s.d.
31. MEDINA, C.A. *Notícia: um produto à venda*. São Paulo, Alfa Omega, 1978.
32. MELO, J.M., coord. *Comunicação/Incomunicação no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1976.
33. MELO, J.M. *Comunicação social, teoria e pesquisa*. Petrópolis, Vozes, 1973.
34. MELO, J.M. *Estudos de jornalismo comparado*. São Paulo, Pioneira, 1972.
35. MELO, J.M., coord. *Jornalismo sensacionalista*. São Paulo, ECA/USP, 1972.
36. MELO, J.M. *Sociologia da imprensa brasileira*. Petrópolis, Vozes, 1973.
37. MIRANDA, D.A. Sensacionalismo e criminalidade. *Comun. Artes*, São Paulo, (4): 89-96, 1971.
38. MONTALBAN, M.U. *As notícias e a informação*. Rio de Janeiro, Sabar, 1979.
39. PEREIRA, J. A comunicação e a violência nos tempos modernos. *Arq. pol. civil*, São Paulo, (29): 7-26, jan./jun., 1976.
40. PFROMM NETTO, S. *Comunicação de massa*. São Paulo, Pioneira, 1972.
41. PORTÃO, R.G. *As drogas e os meios de comunicação de massa*. São Paulo, s.c.p., 1977.
42. PORTÃO, R.G. Criminologia e comunicação. *Arq. Pol. Civil*, São Paulo, (27): 30-54, 1976.
43. RAMOS, J.N. *Jornalismo: dicionário enciclopédico*. São Paulo, Ibrasa, 1970.
44. ROSSENBERG, B. & WHITE, D.M., org. *Cultura de massa*. São Paulo, Cultrix, 1973.
45. SODRÉ, N.W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.
46. STEINBERG, C., org. *Meios de comunicação de massa*. São Paulo, Cultrix, 1970.
47. STEWART, D. *A psicologia da comunicação*. São Paulo, Forense, 1972.
48. VASQUES, J.M. & GARCIA, F.M. *Television y violencia*. Madrid, Servidos de Formacion, T.V.E., 1966.

-
49. VIEIRA, R.A. *Comunicação de massa: o impasse brasileiro*. Rio de Janeiro, Forense Universitário, 1978.
50. VIOLÊNCIA: p futuro das crianças decidido pela televisão. *Folha de São Paulo*, 9 ago. 1977, p.31.
51. VIVALDI, G.M. *Gêneros periodísticos*. Madrid, Paraninfo, 1973.
-